

# Uma caminhada da bossa ao samba (e vice-versa)

Theo Bial recebe convidados no Rival Petrobras para mostrar suas interpretações para clássicos da MPB e sua promissora safra autoral

Fernanda Assis/Divulgação

Por **Afonso Nunes**

**N**uma noite repleta de convidados especiais, Theo Bial apresenta o show “Da Bossa ao Samba” nesta sexta-feira (14) no Teatro Rival Petrobras. Ana Costa, Cris Delanno, Raoni Ventapane e Renato Milagres são nomes confirmados para se apresentar ao lado do jovem cantor e compositor carioca.

No show, ele transita entre clássicos e composições próprias, interpretando canções como “Perfume Siamês” (Altay Veloso/Paulo César Feital), “Samba da Minha Terra” (Dorival Caymmi), “Resignação” (Dona Ivone Lara), “Rio” (Roberto Menescal/Ronaldo Bôscoli) e “Coração Leviano” (Paulinho da Viola).

De seu repertório autoral

destacam-se faixas como “Azul”, parceria com seu pai, Pedro Bial; “Beijo e Sal”, uma parceria com Moacyr Luz; e “Remelexo” e “Vertigem”, ambas compostas com Gabriel Miranda.

Theo cresceu em um ambiente musical e traz em seu trabalho influências que vão da bossa nova ao samba. Seu talento já se destaca na cena contemporânea, com músicas autorais conquistando espaço no streaming e parcerias célebres.

Em 2018, o artista lançou seu álbum de estreia, “Do Amor à Saboria”, quando se apresentava com o nome artístico de Theozim. Em 2021, viria “Vertigem”, um trabalho que transita entre o samba e a MPB com um toque sofisticado e contemporâneo. O disco traz faixas como as citadas “Azul”, que tem a participação de Pedro Bial can-



tando com o filho, e “Remelexo”, gravada em dueto com Mart’ália. Em 2023, lançou o álbum “Neo-Bossa” e o EP “2023” e, mais recentemente, os singles “No Ponto”, “Me Lembra Você”, “Olha o Samba Aí” e “Pedido de Namoro”, reforçando sua identidade musical e ampliando seu repertório autoral.

Acompanhado por Guilherme Salgueiro (baixo), Felipe Miranda (flauta) e os percussionistas Raoni Ventapane, Guido Ventapane e Kaká Nomura, Theo aposta em uma formação sem bateria, dando protagonismo à percussão para criar uma fusão natural entre bossa e samba. O resultado é um espetáculo intimista, uma aposta de balanço e sofisticação.

## SERVIÇO

THEO BIAL

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 14/2, às 19h30

Ingressos a partir de R\$ 42

## CRÍTICA / DISCO / AURA

Por **Aquiles Rique Reis\***

Hoje trataremos do trabalho de um dos maiores violonista brasileiros: André Siqueira. Talvez vocês ainda não tenham sequer ouvido falar dele, que dirá já tê-lo ouvido tocar. Pois bem: o compositor, violonista e arranjador André Siqueira acaba de lançar nas plataformas digitais “Aura”, álbum autoral em que apresenta novidades sobre técnicas de composição e execução, como polimetrias e polirritmias, que são recursos próprios do violão (embora nem sempre efetivados a contento).

Aqui está Siqueira a comprovar sua técnica e sua emoção através das cordas de seus violões. Encantou-me a versatilidade instrumental e, principalmente, o timbre resultante das cordas que ele manuseia

como ourives experiente.

“Aura” expõe a versatilidade e a diversidade da música brasileira, diversidade que permite considerá-la a de maior completude do mundo – no caso de André, temos frevo, valsas, samba e moçambique, tocados em busca do cerne da música instrumental. Eis algumas faixas.

“Atento ao Tempo” soa com destaque para a mão esquerda de André, cujo vigor traz ressonância e harmônicos para sua composição (todas as faixas do álbum são de autoria dele).

“Frevo” é uma peça antiga de André, onde o gênero popular desponta ágil. Arpejos rápidos trazem a música encaixada no passo; tão perfeitos como uma letra quando

# A essência de um violonista

Divulgação



vem ajustada à prosódia, respeitando a acentuação tônica.

“Vozear” vem lentamente e bela. Melodia a consagrar a beleza de desenhos harmônicos bem encaixados.

“Canto da Praia” é um chamamé, ritmo do sul da América

Latina. Como em outros arranjos, André traz à cena a polimetria ou polirritmia: que é quando algumas concepções rítmicas diferentes se misturam, sem que sejam percebidas de cara pelo ouvinte, mas que são partes integrantes da mesma música.

“Flor de Lótus” foi gravada com um violão barítono (afinado uma quarta abaixo do violão de seis cordas) e traz contrapontos e arpejos harmônicos. A sonoridade é distinta e a levada rítmica seduz.

“Serena”, outra peça bastante antiga de André, é uma valsa rápida, dividida em duas partes com diferentes tonalidades. Linda pela simplicidade!

“Inhambu”: peça instrumental

que, com letra de Brisa Marques, foi gravada pela cantora Sílvia Borba, com participação de Mônica Salmaso. A melodia ecoa a pureza do campo. Belo momento.

“Valsa Aquariana”: dedicada ao acordeonista Toninho Ferragutti, cujo título procede de uma brincadeira sobre o signo de ambos (André, nascido no dia 2 de fevereiro, dia de Iemanjá, é aquariano como Toninho). Segundo André, a peça tem “Arpejos rápidos, campanellas e ressonâncias.

André Siqueira merece ser ouvido com a atenção que seu talento pede. Conhecê-lo significa apreciar um músico que faz da música instrumental brasileira a quintessência das tetas fartas das canções que engrandecem a nossa cultura. Ouça o álbum em <https://11nk.dev/dyfq5>.

\*Vocalista do MPB4 e escritor